

"Para os fãs de *A Rainha Vermelha* e de *Game of Thrones*." – *Bustle*

DAMA DA NÉVOA



LAURA SEBASTIAN

Autora de Princesa das cinzas

DAMA DA NÊVOA

LAURA SEBASTIAN



PARA VOVÔ CAROLE,
*porque, se algum dia conheci uma rainha rebelde,
foi justamente ela*

E PARA VOVÔ RICH,
por manter vivas as histórias dela



PRÓLOGO



MINHA MÃE UMA VEZ ME DISSE que a paz era o único caminho para a sobrevivência de Astrea. Não precisávamos de vastos exércitos, observou ela, nem forçar nossas crianças a se tornarem guerreiras. Não cortejávamos a guerra como outros países, em um esforço de conquistar mais do que precisávamos. Astrea nos bastava, afirmou.

No entanto, ela nunca imaginou que a guerra viria até nós, cortejada ou não. Ela viveria apenas o suficiente para ver quanto a paz se sai mal diante das lâminas de ferro forjado e da ganância selvagem dos kalovaxianos.

Minha mãe era a Rainha da Paz, mas eu sei muito bem que a paz não basta.

SOZINHA



SINTO EM MINHA LÍNGUA O GOSTO forte e adocicado do café com especiarias, preparado com uma quantidade generosa de mel. Do mesmo jeito que Crescentia sempre pede.

Estamos sentadas no pavilhão, como fizemos mil vezes antes, canecas de porcelana fumegantes aninhadas em nossas mãos para espantar o frio do ar noturno. Por um momento, a sensação é a mesma de todas as outras vezes, um silêncio confortável pairando na escuridão à nossa volta. Sinto falta de conversar com ela, mas sinto falta disso também – de ficarmos juntas e não precisarmos preencher o silêncio com uma conversa fútil e sem sentido.

Mas isso é bobagem. Como posso ter saudade de Cress quando ela está sentada bem diante de mim?

Ela ri, como se pudesse ler a minha mente, e pousa a caneca no pires com um ruído que me faz estremecer. Ela se inclina sobre a mesa de metal dourado para tomar minha mão livre nas suas.

– Ah, Thora – diz ela, a voz cantarolando meu falso nome, como em uma melodia. – Também senti sua falta. Mas da próxima vez não vou.

Antes que suas palavras possam fazer sentido para mim, a iluminação acima de nossa cabeça se altera, o sol se tornando cada vez mais brilhante, até cada horrível centímetro de seu corpo ser totalmente iluminado. O pescoço carbonizado descamando, enegrecido pelo encatrio que mandei que lhe servissem, os cabelos brancos e quebradiços, os lábios cinzentos, como a coroa falsa que eu costumava usar.

Medo e culpa tomam conta de mim à medida que as peças se encaixam em minha mente. Lembro-me do que fiz com ela e do porquê. Lembro-me do rosto dela do outro lado das grades da minha cela, cheia de fúria ao me dizer que celebraria minha morte. Lembro-me da grade fervendo nos pontos em que ela a tocara.

Tento puxar a mão, mas ela é rápida e me segura, seu sorriso de princesa de conto de fadas revelando presas cujas extremidades estão revestidas com cinzas e sangue. A pele dela queima a minha, ainda mais quente que a de Blaise. É como se o fogo me tocasse, e eu tento gritar, mas não sai som algum. Não sinto mais a minha mão e, por um segundo, fico aliviada antes de baixar os olhos e ver que ela havia se transformado em cinzas, desmanchando-se ao toque de Cress. O fogo sobe pelo meu braço e desce pelo outro, espalhando-se por peito, torso, pernas e pés. Por fim minha cabeça queima, e a última coisa que vejo é Cress, com seu sorriso monstruoso.

– Pronto. Não é melhor assim? Agora ninguém vai achar que você é uma rainha.

• • •

Minha pele está ensopada quando acordo, os lençóis de algodão enroscados em minhas pernas e também úmidos de suor. Meu estômago se revira, ameaçando pôr tudo para fora, embora eu tenha certeza de que não comi nada para ser expelido, exceto algumas crostas de pão na noite passada. Eu me sento na cama, levando a mão à barriga para controlá-la e piscando para acostumar os olhos à escuridão.

Levo um momento para perceber que não estou na minha cama nem no meu quarto e, por fim, que esse não é o palácio. O espaço é menor, a cama, pouco mais que um catre estreito com um colchão fino, lençóis puídos e uma manta. Meu estômago faz um movimento brusco, de uma forma que me deixa enjoada antes que eu me dê conta de que não se trata dele – é o próprio quarto que está balançando de um lado para outro. Meu estômago simplesmente reflete o movimento.

Os acontecimentos dos últimos dois dias retornam à minha mente. As masmorras, o julgamento do kaiser, Elpis morrendo aos meus pés. Lembro de Søren me resgatando apenas para ser aprisionado. Assim que esse pensamento me ocorre, eu o afasto. Há muitas boas razões para que eu me sinta culpada – tomar Søren como refém não pode ser uma delas.

Estou no *Fumaça*, recordo, seguindo para as ruínas de Anglamar com o objetivo de dar início à reconquista de Astrea. Encontro-me em minha cabine, segura e sozinha, enquanto Søren está sendo mantido acorrentado em uma cela.

Fecho os olhos e deixo a cabeça pender sobre minhas mãos, mas, na mesma hora, o rosto de Cress surge em minha mente, as bochechas rosadas, as covinhas e os grandes olhos cinzentos, como era quando a conheci. Meu coração dá um salto ao pensar na garota que ela foi, na garota que *eu* fui, que se agarrou a ela porque se tratava da única salvação em meio ao pesadelo que era a minha vida. Rápido demais, essa lembrança de Cress é substituída por sua imagem da última vez que a vi, com ódio nos frios olhos cinzentos e a pele do pescoço carbonizada e descamando.

Ela não deveria ter sobrevivido ao veneno. Se eu não a tivesse visto com meus próprios olhos, não teria acreditado. Parte de mim se sente aliviada que tenha escapado, embora a outra parte jamais vá esquecer o olhar que ela dirigiu a mim quando prometeu destruir Astrea e a maneira como disse que pediria ao kaiser para ficar com minha cabeça depois que ele me executasse.

Caio de costas, fazendo um ruído seco ao bater no travesseiro fino. Meu corpo inteiro dói de exaustão, mas minha mente é um turbilhão que não dá sinais de querer se aquietar. Mesmo assim, fecho os olhos com força e tento expulsar todos os pensamentos que envolvem Cress, embora ela se mantenha bem lá no fundo, como um fantasma.

A cabine é silenciosa demais – tão silenciosa que cria um som próprio. Eu o ouço na ausência da respiração das minhas Sombras, seus movimentos infinitesimais ao mudarem de posição, os sussurros de uma para a outra. É um tipo de silêncio ensurdecador. Viro-me para um lado, depois para outro. Estremeço e ajeito a manta, deixando-a mais apertada à minha volta. Sinto o fogo do toque de Cress outra vez e chuto a manta para longe, de modo que ela cai embolada no chão.

O sono não virá tão cedo. Rolo para fora da cama e encontro o grosso manto de lã que Dragonsbane deixou em minha cabine. Coloco-o sobre a camisola e ele me envolve, descendo até os tornozelos, aconchegante e disforme. O tecido puído foi remendado tantas vezes que duvido que ainda reste alguma coisa do manto original, mas ainda assim o prefiro às finas camisolas de seda que o kaiser costumava me forçar a usar.

Como sempre, pensar no kaiser faz a chama da fúria em minha barriga inflamar até me queimar por inteiro, transformando meu sangue em lava. É uma sensação que me assusta, mesmo que eu goste dela. Blaise certa vez me prometeu que eu atearia o fogo que transformaria o corpo do kaiser em cinzas, e eu creio que essa sensação não vai se suavizar até que eu faça isso.

SEGURA

OS CORREDORES DO *FUMAÇA* ESTÃO DESERTOS e silenciosos, sem qualquer alma à vista. O único som é o leve barulho de passos no convés logo acima e o ruído abafado de ondas batendo no casco. Dobro em um corredor, depois em outro, procurando um caminho para o convés antes de me dar conta de que estou irremediavelmente perdida. Embora eu houvesse pensado que tinha uma noção razoável da configuração do navio quando Dragonsbane me levou para conhecê-lo mais cedo nessa noite, agora o navio parece inteiramente diferente. Olho por cima do ombro, esperando vislumbrar uma de minhas Sombras antes de perceber que elas não estão ali. Ninguém está.

Durante dez anos, a presença de outras pessoas era constante, um peso que me sufocava. Eu ansiava pelo dia em que poderia, enfim, me livrar daquela sensação e ficar apenas sozinha. Nesse momento, porém, uma parte de mim sente falta da companhia. No mínimo, evitaria que eu me perdesse.

Por fim, depois de mais algumas voltas, encontro uma escada íngreme que leva ao convés. Os degraus são frágeis e barulhentos, e eu subo devagar, apavorada com a possibilidade de alguém ouvir e vir atrás de mim. Tenho que me lembrar de que não estou me escondendo, mesmo caminhando furtivamente para algum lugar – sou livre para ir aonde quiser.

Empurro a porta, abrindo-a, e o ar marinho açoita o meu rosto, soprando meu cabelo em todas as direções. Uso uma das mãos para tirá-lo dos olhos e, com a outra, aperto mais o manto em torno do meu corpo. Não tinha me dado conta de quanto o ar sob o convés era rançoso até o ar fresco alcançar meus pulmões.

Aqui em cima, há alguns membros da tripulação trabalhando, um número mínimo para garantir que o *Fumaça* não se desvie do curso ou afunde no meio da noite, mas todos eles estão muito cansados e concentrados em suas tarefas para me dedicar mais do que um breve olhar quando passo.

A noite está fria, sobretudo com o vento feroz como é no mar. Cruzo os braços para me proteger, enquanto percorro o caminho até a proa do navio.

Posso ainda estar me acostumando a ficar sozinha, mas creio que nunca vou me cansar disso: o céu aberto à minha volta. Nenhuma parede, nenhuma restrição. Somente ar, mar e estrelas. O céu lá no alto transborda de estrelas, tantas que é difícil destacar uma em particular. Artemisia me disse que os navegadores usam as estrelas para guiar o navio, mas não consigo imaginar como isso é possível. São estrelas demais para conseguirem criar algum sentido.

A proa do navio não está tão vazia quanto eu esperava. Ali vejo uma figura solitária, de pé junto à amurada, os ombros curvados enquanto fita o oceano lá embaixo. Mesmo antes de me aproximar o suficiente para distinguir seus traços, sei que é Blaise. Ele é a única pessoa que conheço que pode adotar uma postura relaxada ao mesmo tempo que paira à sua volta uma energia tão frenética.

O alívio percorre meu corpo e eu apresso o passo em sua direção.

– Blaise – digo, tocando seu braço.

O calor de sua pele e o fato de estar acordado a essa hora me incomodam, levando minha mente a outras direções, mas me recuso a permitir que isso continue acontecendo. Não agora. Nesse momento, só preciso do meu amigo mais antigo.

Ele se vira para mim, surpreso, antes de sorrir, embora um tanto mais hesitante do que estou acostumada.

Não conversamos desde que embarcamos nessa tarde e, para ser sincera, uma parte de mim está com medo desse momento. Ele deve saber que troquei nossas canecas na viagem até aqui, dando a ele o chá com sonífero que ele tinha preparado para mim. Deve saber por que fiz isso. E essa não é uma conversa que eu queira ter agora.

– Não consegui dormir? – pergunta ele, olhando ao redor antes de voltar a olhar para mim. Ele abre a boca, mas torna a fechá-la. Pigarreia. – Pode ser difícil se acostumar a dormir em um navio. Com o balanço e o barulho das ondas...

– Não é isso – digo.

Quero contar a ele sobre o pesadelo, mas já posso imaginar sua resposta. *Foi só um sonho*, dirá. *Não foi real. Cress não está aqui, ela não pode machucá-la.*

Por mais que seja verdade, não consigo acreditar. E mais: não quero que Blaise saiba que Cress continua em meus pensamentos, nem quanto me sinto culpada pelo que fiz com ela. Na cabeça de Blaise, está claro: Cress é a inimiga. Ele não compreenderia minha culpa e, sem dúvida, não entenderia a saudade que fincou raízes em mim. Ele não entenderia quanto sinto falta dela, mesmo agora.

– Não contei a você sobre Dragonsbane – diz ele após um momento, sem conseguir me olhar. – Devia tê-la avisado. Não tinha como ser uma surpresa agradável conhecer uma estranha com o rosto da sua mãe.

Eu me debruço na amurada ao lado dele, nós dois fitando o ponto em que as ondas lambem o casco do navio.

– Você provavelmente *teria* me contado se eu não tivesse trocado nossas canecas de chá – observo.

Por um momento, ele não diz nada, e o único som vem do mar.

– Por que fez isso? – pergunta ele baixinho, como se não tivesse certeza de querer saber a resposta.

Eu também não tenho certeza se quero responder, mas uma parte de mim se agarra à esperança de que ele vá rir e me dizer que estou enganada.

Respiro fundo, tentando me controlar.

– Antes de deixarmos Astrea, quando Erik estava me explicando o que eram os *berserkers*, ele mencionou os sintomas – explico, devagar.

Ao meu lado, Blaise se retesa, mas não me olha nem me interrompe, então prossigo:

– Ele contou que, à medida que a loucura das minas piora, a pele das vítimas se torna quente e elas começam a perder o controle de seus dons. E disse que não dormem.

Blaise solta um suspiro trêmulo.

– Não é tão simples assim – comenta ele, baixinho.

Balanço a cabeça para clarear a mente, então me afasto da amurada, cruzando os braços diante do peito.

– Você é abençoado – digo a ele. – Foi assim que sobreviveu à mina, que sobreviveu durante os anos depois da fuga. Não pode ter...

Não consigo dizer as palavras. *Loucura das minas*. São somente três palavrinhas, quase inofensivas quando sozinhas. Juntas, porém, têm muito mais peso.

Quero tanto que ele me diga que tenho razão, que é claro que não se trata

da loucura das minas, que é claro que não é fatal. No entanto, ele não diz nada. Permanece imóvel, curvado sobre a amurada, apoiando-se nos cotovelos e apertando as mãos com força.

– Não sei, Theo – diz ele, por fim. – Não acho que eu tenha... uma doença – afirma, também incapaz de pronunciar *loucura das minas*. – Mas também nunca senti que fosse abençoado.

A confissão sai em um sussurro perdido no ar da noite, para nunca mais ser repetida. Eu me pergunto se esta foi a primeira vez que ele disse as palavras em voz alta.

Toco o ombro dele, forçando-o a me encarar, antes de pousar a mão sobre a cicatriz em seu rosto, a marca que Glaidi lhe deu junto com seu dom.

– Eu vi o que você é capaz de fazer, Blaise. Glaidi o abençoou, eu sei. Talvez o seu poder seja diferente daquele dos outros Guardiões, mas não é... não é só aquilo. É outra coisa. Tem que ser.

Por um segundo, ele parece querer discutir, mas então coloca a mão sobre a minha e a mantém ali. Tento ignorar quanto sua pele está quente.

– Por que não conseguiu dormir? – pergunta ele, por fim.

Não posso contar sobre o pesadelo, mas tampouco posso mentir para ele. Opto por algo intermediário, uma verdade parcial.

– Não consigo dormir sozinha – explico, como se fosse simples assim.

Nós dois sabemos que não é.

Espero as críticas, que ele me diga quanto isso é ridículo, que eu não deveria *sentir falta* de ter Sombras vigiando cada movimento meu. Mas, é claro, ele não fala nada. Sabe que não estou contando tudo.

– Vou dormir com você – sugere, antes de perceber o que disse. Está escuro demais para ter certeza, mas acho que as orelhas dele ficam vermelhas. – Quero dizer... bem, você sabe o que eu quero dizer. Posso ficar lá, se isso ajudar.

Sorrio.

– Acho que vai – respondo, e, porque não consigo resistir, não paro por aí. – Eu dormiria ainda melhor se você tentasse dormir também.

– Theo... – diz ele com um suspiro.

– Eu sei – replico. – Não é assim tão simples. Eu só queria que fosse.

•••

Enquanto Blaise e eu seguimos para a minha cabine, sinto o olhar da tripulação sobre nós. Posso imaginar o que eles estão pensando, nós dois andando juntos a essa hora. Até o sol nascer, todos estarão sussurrando que Blaise e eu estamos tendo um caso. Eu preferiria que as pessoas não sussurrassem nada a meu respeito, mas não me importo se esse rumor ofuscar o boato sobre mim e Søren.

Um romance com Blaise é muito melhor, pois a tripulação vai apoiar de todo o coração, se não por outro motivo, pelo menos porque ele é astreano. E quanto mais apoio eu tiver deles, melhor. Não dá para esquecer quanto Dragonsbane foi desdenhosa quando cheguei a bordo, como ela falou comigo como se eu fosse uma criança perdida em vez de uma rainha. A rainha *dela*. E me preocupo que isso vá piorar.

Eu me obrigo a interromper esse pensamento. Como me tornei uma pessoa tão conspiradora? Sinto, sim, alguma coisa por Blaise e sei que é recíproco, mas eu nem levei isso em consideração. Comecei logo a maquinar, a pensar em como ele poderia me trazer vantagens políticas. Como me tornei esse tipo de pessoa?

Estou pensando como o kaiser. Essa percepção provoca um tremor que percorre meu corpo.

Blaise percebe.

– Você está bem? – pergunta ele quando abro a porta da cabine e o conduzo para dentro.

Eu me viro para olhá-lo e expulso a voz do kaiser da minha mente. Não penso em quem nos viu entrar, no que dirão ou em como posso usar isso a meu favor. Não penso no que conversamos há alguns momentos. Eu só penso em nós dois, a sós na cabine.

– Obrigada por ficar comigo – digo em vez de responder.

Ele sorri brevemente antes de desviar o olhar.

– É você quem está me fazendo um favor. Estou dividindo uma cabine com Heron, e ele ronca tão alto que é capaz de sacudir o navio inteiro.

Eu rio.

– Vou me deitar no chão enquanto você dorme – anuncia ele.

– Não – rebato, surpreendendo a mim mesma.

Os olhos dele se arregalam um pouco. Tenho a sensação de que vamos ficar aqui imobilizados nesse silêncio constrangedor por eras, então quebro o encanto.

Dou um passo na direção dele e pego sua mão.

– Theo... – diz ele, mas pressiono um dedo em seus lábios antes que ele possa arruinar esse momento com advertências que não quero ouvir.

– Pode... só... me abraçar? – peço.

Ele suspira e sei que vai dizer que não, que ele deveria manter distância porque não sou mais sua amiga de infância. Sou sua rainha e isso torna tudo muito mais complicado. Então eu dou um golpe baixo, ao qual sei que ele não resistirá.

– Vou me sentir mais segura, Blaise. Por favor.

Os olhos dele se suavizam e sei que o ganhei. Sem dizer nada, afasto a mão de seus lábios e o puxo para a cama comigo. Nos encaixamos perfeitamente, seu corpo curvando-se em torno do meu, seus braços me envolvendo. Mesmo aqui, no mar, ele cheira a fogo na lareira e condimentos – cheiro de casa. Sua pele está abrasadora, mas tento não pensar nisso. Em vez disso, concentro-me nas batidas de seu coração reverberando pelo meu corpo, entrando em compasso com meu coração, e deixo que isso embale meu sono.